



TALVEZ O MUNDO NÃO SEJA PEQUENO

[Texto publicado no livro *Talvez o mundo não seja pequeno*, A Bolha Editora, Rio de Janeiro, 2012.]

Arte é fácil. Depende da total dedicação do artista, de sua plena disposição e de um plano objetivo que, uma vez traçado, indique os patamares exatos de superação e as etapas corretas a serem cumpridas. Naturalmente isso não se dá de forma objetiva, pois o processo é incerto e o suporte se caracteriza por limites. Porém, sendo dedicado, disposto e bem direcionado, um artista poderá se embrenhar na incerteza – uma espécie de deserto povoado por obstáculos beligerantes – e ali construir sua arte. Logo compreenderá que tal propósito se dá sem razão prática, por uma emergência pessoal. Portanto, fazer arte é muito difícil.

Desenho é fácil. Quem desenha o faz por determinação, independentemente de um conjunto de habilidades e críticas, de tal forma que o problema central do desenho desloca-se da disponibilidade de um instrumento ou do desenvolvimento da linguagem para a impossibilidade de uma hemostasia. O fio que se desenrola objetivamente na ponta de um instrumento não se desconecta automaticamente do olhar, dos dedos, do corpo do artista. Assim o desenho não para, não se interrompe, não pode ser estancado. Portanto, não desenhar é muito difícil.

O desenho é útil. Serve para mapear regiões desconhecidas, serve para esboçar aquilo que depois será finalizado com outra qualidade, serve para ensaiar formas específicas, serve para atestar domínios, posicionando o artista como se fosse dono das rédeas condutoras de uma força descomunal, posicionada à sua frente, cavalos de empuxo bem adestrados. Pois o desenho pode ser educado, objetivamente. Exercita-se o desenho com ganhos significativos, visíveis, como se exercita um instrumento complexo ou um feixe de músculos.

Existe, no entanto, um desenho raro e difícilimo de ser executado. Negando-se a servir, decalca-se sobre as inconstâncias e incoerências e só encontra sentido na construção de uma gênese própria. O desenho,

nesse sentido, serve ao próprio conhecimento. Sua raiz é cartesiana, assumindo as etapas desse discurso – a evidência, a análise, a síntese e o desmembramento – e tem a imaginação, o entendimento, a sensação e a memória como suas bases.

Esse desenho tem a forma do esquema, distinto da noção específica de imagem. Organiza-se como regra da imaginação em busca de significados, fruindo a partir da intuição e da espontaneidade. Não tem por amarras um destino claro, a mensagem única, a concisão de propósitos, reforçando assim seu caráter original e ininterrupto.

A arte é, portanto, muito difícil. Implica operar inutilidades para destrinchar situações complexas dentro da ilógica função de uma poética. Refere-se à construção de uma verdade demasiadamente pessoal, equivalendo à invenção de uma máquina inédita sem que se disponha sequer dos meios mínimos e mais óbvios.

A verdade não está na vida, no cotidiano ou nas palavras dos homens de bem. Isso, que ali raras vezes encontramos e que nos faz confundir, restringe-se a um gesto de boa vontade ou a uma expressão de caráter eventual. A verdade corre como uma costura entre desígnio e memória e só se mostra inteira no desenho.

Talvez o mundo não seja pequeno, primeiro livro de Virgílio Neto, embora corresponda a uma ínfima parte de sua produção, demonstra os poderes desse jovem artista e esboça o fôlego de uma imensa biblioteca.

DO CONTEÚDO

Os desenhos de Virgílio Neto exercem grande atração visual não apenas pelo traço exemplar do artista ou pela variedade de assuntos que aborda. A forma como se enlaçam estabelece uma sequência sináptica de forte atração pelo exercício do achamento. Ali encontramos correspondência ao predomínio do fato visual, tão próprio de nosso tempo. Mas não é a lida com uma multiplicidade de componentes que determina o valor de sua pesquisa e sim as relações que o artista estabelece entre eles. A análise mais cuidadosa de suas pranchas revelará a retomada persistente na reconstrução de um ideário pela afirmação do conjunto. A forma como os grupos de composição se organizam e os recortes de espaço negativo – suporte deixado em branco – replicam um tipo de caixilho em que reincide rigoroso esquema de montagem. Suas variações constituem um exercício de riqueza, reafirmando a humildade de quem desenha demais e tão lindamente: aquilo que não se desenha elogia o olhar. Abre um vazio para o respiro e, quem sabe, para algum reflexo. O recheio é fabricado à moda do *Elefante*, de Drummond,[i] animal alquebrado, feito de poucos recursos. Grande e frágil, porém persistente.

O título escolhido pelo artista para este livro, *Talvez o mundo não seja pequeno*, ecoa a letra da canção “Cálice”, de Chico Buarque,[ii] escrita no auge dos anos de chumbo da ditadura militar. É como se dissesse: *não há outro senão este mundo pequeno*, querendo dizer *este mundo não é pequeno*, contrapondo uma saída pela investigação dos conteúdos. Sim, o mundo é pequeno, mas grandes são os mundos dentro dele. Nas pranchas de Virgílio vemos, entre tantos assuntos recorrentes, os sacrifícios, as submissões, as máscaras, nós e amarrações, além de variadas formas de tortura indireta. Reporta-se ao caráter político da arte figurativa e nos situa em uma América [latina], mesmo que seu universo seja tão mais amplo. E não sendo pequeno o mundo, como organizar seu registro? Como Virgílio Neto orienta um plano de abordagem na demonstração desse mundo-não-pequeno?

No filme *Profissão: repórter*, Antonioni [iii] constrói uma imagem de enigma sutil que nos servirá de guia. A polícia chega à cena do crime e confronta os demais personagens (diante do corpo de David) perguntando à sua esposa: – Você reconhece este homem? Ela responde – Não. A mesma pergunta é dirigida então à amante, que por sua vez responde: – Sim. O personagem se perdura entre diferentes identidades, tornando-se irreconhecível para quem o conheceu há muito tempo. Modificou-se ao oscilar entre o que era e o que pretendia ser. Aquilo que somos é o resultado de uma construção, processo impetrado ao longo da vida e contraposto, todo o tempo, ao que gostaríamos de ver/ter mudado.

Neste livro veremos o artista empreender uma busca que se organiza entre ver, ter e ser, em uma obra contínua e inconclusa, pois não cessa, apenas aceita os limites impostos pelo número de páginas. Nesse percurso organiza-se um pouco daquilo que ele deseja falar, mas vale ressaltar, tudo é apenas uma pequena parte. E sobre o que ele fala?

Sobre as direções que tomamos e aquelas que deveríamos tomar. Sobre as escolhas que fazemos e sobre o enigma do que nos atrai, pois a curiosidade é fundamento do homem.

Sobre a ordem das coisas e a construção de uma poética pela associação livre, atrelada aos preceitos de contiguidade, semelhança e contraste,[iv] pois o impulso arrasta conteúdos.

Sobre o desenho direto e o desenho indireto. Sobre o espelho, o reflexo, a duplicação e o original. Sobre o preenchimento como forma de domínio e tudo aquilo que não precisa ser completado, pois o registro esbarra no desejo por uma profusão maior de novos registros e não há tempo.

Sobre os apagamentos, as desistências e as noções de lógica e de absurdo; a sobreposição, a falta de propósitos e a criação de novos propósitos, pois o desenho se dá como pensamento enquanto se desenha.

Sobre a organização do espaço, pois o suporte é o plano em que se assenta o universo; sobre aquilo que se faz e só encontra perfeita contraposição no que não foi feito e em seu espaço, deixado vazio; sobre as perguntas que fazemos, ininterruptamente, tentando entender o mundo. Pois o desenho é busca e investigação de origem.

Sobre a saturação, a persistência, a mensagem cifrada, o relato de todos os acontecimentos, pois o artista é simultaneamente testemunha, almoxarife, cronista e escrivão.

Sobre o fio de desenho como condutor de eletricidades, amarrando associações sem propósito evidente e mesmo assim interligadas, cuja lógica está nas conexões. Sobre o lápis e o grafite e o desenho como caligrafia mínima e definitiva. Sobre o nervosismo do traço e sua localização no suporte. Sobre o mínimo e o máximo necessários. Sobre o desejo do vazio e a plenitude do cheio.

Sobre a forma como se lê e se entendem os desenhos. Sobre a urgência em falar, sobre o desenho como torneira aberta de água corrente, incessante, uma onda de formas e de palavras despejadas, pois a dinâmica dos confrontos não cala a mão do artista.

E ainda, sobre o diário de uma viagem interminável. Sobre o vazio e o silêncio e o registro no espaço negativo. Sobre legendas subjetivas, inseridas como elementos lógicos. Sobre datas e nomes de locais que integram uma composição, pois o desenho é um mapa.

Sobre todas as possibilidades e sobre a possibilidade de parar com tudo. Uma tentativa de domínio e controle sobre uma intensidade descontrolada.

Sobre contornos, o avesso, o lado de fora, o espaço ao redor. Sobre encostar, reclinar, esconder. Sobre sombras e formas repetidas ou dessemelhantes. Sobre alusões e impressões incertas que as falhas da memória podem perturbar, mas o corpo não esquece.

Sobre o destino daquilo que nos falta. Sobre os esquemas de funcionamento, sobre a ordem e os conteúdos, sobre o mistério das coisas e a urgência em desvendá-lo. Sobre signos mínimos de máximo significado. Sobre a localização imprecisa dos conteúdos, pois eles nos perturbam.

Sobre ameaças: as margens, bordas e sangramentos do papel que interrompem a narrativa, organizando por conta própria o desenho. Sobre a ancoragem, o contrapeso, o lastro e tudo o que equilibra, mas pode ser dispensado em caso de emergência.

Sobre a convivência pacífica entre garranchos e desenhos acurados. Sobre enigmas e coisas indecifráveis, porém sabidamente fundamentais. Sobre a formação dos conjuntos, sobre os agrupamentos. Sobre a matéria que fornece vida às criaturas.

Sobre cartas enigmáticas, vocabulários indecifráveis e a lógica de uma construção extraída de aterros e depósitos de resíduos. Sobre uma novela literal, não literária, porém inteira.

Sobre a inversão e o registro dos acontecimentos primordiais. Sobre efemérides. Sobre o que nos oferecem de graça, sobre o que tomamos emprestado, sobre o que roubamos e nos é tomado, à força.

Sobre a semelhança entre os disparates. Sobre as lições da vida e tudo aquilo que podemos aprender. Sobre o lugar das coisas em nosso corpo e ao nosso redor. Sobre as dificuldades e a simplificação como um impulso.

Sobre a arte. Sobre eu e você. Sobre a miríade de coisas que precisamos ter para sermos alguém.

Sobre adornos, uniformes e adereços que usamos para nos diferenciar. Sobre as tipologias sociais e o relato do mundo ao nosso redor. Sobre figurinhas, estatuetas e pedaços que resguardam um passado alheio.

Sobre carros que subitamente pegam fogo, palavras inadvertidas e pensamentos adversos. Sobre lugares que visitamos e pessoas que surpreendemos, indiscretamente. Sobre o sexo feito às pressas na cozinha e a vergonha em guardar coisas que não fazem sentido.

Sobre receituários, bulas, etiquetas e instruções de uso, uma investigação de quem quer entender. Sobre máquinas, caixas e esquemas de construção de um protótipo. Sobre o lado de dentro e o lado de fora, locais de onde tomamos um ponto de vista.

Sobre outras mitologias e sobre os medos. Sobre engrenagens e palavras, os nomes das coisas. Sobre anatomia e botânica. Sobre aviões, órgãos, esportes, arquitetura e cetáceos. Sobre animais que invadem nossas vidas e insistem em coabitar.

Sobre o que nasce e o que cresce, incluindo abscessos, aberrações, imperfeições e impossibilidades. Sobre os feios, os tolos, os distraídos e os abomináveis homens das neves. Sobre corpos e pedaços. Sobre pequenos fantasmas e fantasmas gigantesco.

Sobre relatos de amor e tortura, sobre a construção de heróis e vilões, sobre retratos de família e a crônica policial. Sobre a violência que desconhecemos ou preferimos esquecer, mas está ao nosso alcance. Sobre as marcas que ganhamos no caminho.

Sobre abusos, aprisionamentos, torturas, coesões, ameaças. Sobre porões, cabines de trem, confessionários, lugares confinados e lugares a serem ocupados. Sobre piscinas vazias e tudo o que caberia dentro delas.

Sobre personagens passivos que permitem os avanços de um investigador, como se fossem apenas manequins. Sobre a hipnose das criaturas e as máscaras que aceitamos usar. Sobre papéis que nos são concedidos e impingidos. Sobre frestas, nesgas, beiras e caminhos marginais.

Sobre cirurgias que emendam, sobre enxertos e próteses. Sobre amarrações e nós, sobre ossos e músculos, sobre sapatos, mastodontes e coisas que foram esquecidas.

Sobre manchas e nódoas, esfregados, camuflados, apagados, rasurados, desistências e persistências. Sobre marcas decalcadas, um passado, um palimpsesto. Sobre o suor, a palma da mão que comprime o papel, as nódoas de grafite, coisas que não podemos controlar e que formam o tônus do desenho. Sobre uma memória que ameaça se apagar.

Sobre o registro do tempo, a passagem dos dias e a sucessão dos fatos. Sobre componentes que faltam ou sobram. Sobre a forma certa e a forma incerta de conhecer o mundo. Sobre o que nos pertence sem que nos tenha sido destinado em sua origem.

Sobre o pé e a cabeça e sobre o que está de ponta-cabeça. Sobre a lógica das coisas e o sentido em abandoná-las para compreender.

Sobre a flutuação, o alheamento e a suspensão no ar. Sobre partes cortadas de que sentimos falta e a memória que podemos carregar dos membros que já foram amputados.

Sobre a verdade.

CONSTRUINDO UMA PARÁBOLA À MODA DO ELEFANTE

Um homem recolhe em seu quintal as pedras mais bonitas, dezenas delas, e guarda-as em uma grande mala. Sai de casa arrastando essa mala pesada, disposto a efetuar uma troca. Cada vez que o mundo contemplá-lo com uma surpresa, deixará naquele lugar uma das pedras bonitas. E assim empreende sua jornada. Logo na saída de casa, surpreende-se com a cor do céu e ali deixa uma pedra. Divaga sobre as tantas cores das árvores e deixa junto a elas outra pedra. Encanta-se com o barulho do vento e deixa uma pedra. Arrasta com dificuldade a grande mala e segue mais alguns passos, para logo em seguida deixar outra pedra, pois o ar está tão agradável. Tem notícias de seu vizinho e deixa uma pedra, ouve falar sobre acontecimentos na cidade e deixa outra pedra, e assim sucessivamente. Logo a mala se torna mais leve. Ainda consegue avistar de longe sua casa e a mala já se encontra vazia. O caminho está ponteadado por elas, que formam uma trilha clara apontando de volta para a porta de sua casa. Toma a decisão de empreender o caminho de volta, mas agora, a cada vez que o mundo ao seu redor lhe parecer incompreensível, recolherá uma pedra no caminho e a levará para casa em sua mala. E logo alguém lhe faz uma saudação sem sentido e ali mesmo ele recolhe uma pedra. O vizinho corre a contar-lhe sobre estranhas novidades da cidade, uma pedra. A conversa da moça dentro da pequena casa, uma pedra. O animal no galho da árvore, outra pedra. Logo sua mala está repleta, e ele encontra-se de volta na porta de sua casa. Espalha as pedras no quintal, olha para cada uma delas, tão parecidas, perfeitas, únicas, cada uma delas demarcando uma pergunta. Amanhã recomeçará.

RALPH GEHRE

Agosto de 2012

[i] Poesia, *O elefante*, Carlos Drummond de Andrade, em *A Rosa do Povo*, 1945.

[ii] Música "Cálice", Francisco Buarque de Hollanda e Gilberto Gil, 1973, que somente em 1978 viria a ser lançada em disco. Última estrofe: Talvez o mundo não seja pequeno / Nem seja a vida um fato consumado / Quero inventar o meu próprio pecado / Quero morrer do meu próprio veneno / Quero perder de vez tua cabeça! / Minha cabeça perder teu juízo. / Quero cheirar fumaça de óleo diesel / Me embriagar até que alguém me esqueça.

[iii] Título original *Professione: repórter*, título do lançamento em inglês *The Passenger*. Michelangelo Antonioni, 1975. Com Jack Nicholson e Maria Schneider.

[iv] Conceito de origem aristotélica, desenvolvido por Carl Gustav Jung a partir de 1906. Ver *Freud/Jung: correspondência completa* (Paris, 1975), Rio de Janeiro, Imago, 1982.